

Rio de Janeiro, 15 de Outubro de 2017

Querida Rosane,

Não nos conhecemos. Mas eu de cá posso dizer que de algum modo te conheço já que ‘te li’ e ‘te pensei’ nesses últimos dias. Então trato logo de avisar que estou te escrevendo muito à vontade. Para mim, ler um texto de alguém é um modo muito peculiar de conhecer. Considero até bastante íntimo – mas não sei se “íntimo” seria a melhor palavra.

Por essa lógica conhecemos talvez de modo bastante íntimo um sem fim de pessoas e nunca tinha parado para pensar nisso. Na verdade prefiro nem parar mesmo para não perder tempo – e agora já me pego perguntando se “perder” é a melhor palavra.

Sento ao computador com tantas imagens e provocações na cabeça a partir da(s) leitura(s), tantas vontades e possibilidades de ‘conversas’ que já entendi que não se esgotará aqui e periga eu reivindicar uma conversa-por-carta-ao-vivo para ver se não entro em aflição ao ter que escolher algumas.

Seu texto me disparou duas palavras importantes, palavras-chave sobre as quais me debrucei um pouco para te escrever aqui e acho que seriam as palavras impulsionadoras que tentaria desvendar em muitos âmbitos na travessia do seu texto “lido-na-cabeça” para “escutado-visto-em-cena”.

Escolha e Acúmulo.

Acho que as duas coisas estão muito relacionadas, vejo como opostas-complementares.

Leio “escolha” no seu texto em muitos âmbitos – da escolha de comidas à escolha de palavras e discursos, do que falar ou o que calar, pelo que lutar ou desistir, passando pelas escolhas do estar junto e de alguns rumos da vida. Das escolhas que cada escolha encerra.

Escolha.

Família a gente e não escolhe – e ‘amigo é família escolhida’, não tem isso? Mas quais são as escolhas possíveis ou as escolhas que saltam dentro das configurações familiares quando todos estão juntos, ruidosamente juntos?

Escolha é sempre difícil, mesmo na vida. Se eu escolho ir ‘por aqui’, automaticamente estou matando o ‘por ali’ – e isso me ‘mata’ um pouco. Acho dificílimo por exemplo escolher palavras e por isso acho que sou prolixa (olha o acúmulo logo aí juntinho da escolha!)

Por isso também escolho esse foco: a escolha das palavras. A escolha certa das palavras. ‘Certa’?

Acho que é uma grande questão para os dramaturgos, para qualquer escritor – ainda que um simples escritor de carta como eu neste momento. Nos pegamos sempre escolhendo a palavra, a melhor palavra. “A” palavra para expressar “A” ideia. Ou toda ambiguidade que uma simples frase pode trazer. Quanta responsabilidade.

Faço então paralelo com o ofício do diretor.

Dirigir é ter que escolher o que vai para a cena. Escolher o tempo e o como. É também dar conta de um sem-fim de expectativas – suas e de toda uma equipe. E de um autor que escreveu tendo que escolher cada palavra. São muitas as questões no processo de colocar essas palavras na cena. Não mais para serem lidas, mas para serem vistas/ouvidas/sentidas/recebidas.

E penso nesse autor que é o primeiro elo da cadeia do coletivo que é o Teatro. Ele escolheu, na maioria das vezes sozinho, em meio às infinitas possibilidades à sua frente. Ele maturou e selecionou, cortou, mudou de lugar, leu e releu.

A escolha das palavras que serão ditas por outros – e não lidas na imaginação. As palavras que precisam caber na boca dos atores – de qualquer ator? Do ator com quem você sonhou enquanto escrevia? As palavras que podem ser ditas de tantas formas e ritmos que podem mudar completamente o sentido das mesmas.

(E quantos sentidos ocultos e descobertos apenas por se ‘ler’ de formas rítmicas diferentes, se agrupar um conjunto de frases/diálogos ‘colados’, ‘atropelados’ ou totalmente ‘separados’ – escolhi mal as palavras aqui)

Me lembrei então de uma característica que tenho que é o fato de me considerar mais ‘auditiva’ do que ‘visual’. Quando leo um texto a primeira impressão é do fluxo e intensidade daquelas palavras. Dos ritmos provocados pelas frases em seu conjunto. Costumo ‘mergulhar’ nesse universo sonoro, que geralmente vai estimulando outras conexões – paralelamente à leitura e entendimento das palavras há essa apreensão sonora e rítmica de um texto.

Geralmente leo uma, duas, três vezes de um jeito bem fluido, livre mesmo, sem me preocupar em entender muito. Chamo essas primeiras vezes todas de 1^a leitura. Depois é que efetivamente vou mergulhar com profundidade nos sentidos e tudo que o aprofundamento em um texto pode proporcionar.

Para mim essa 1^a leitura é a grande oportunidade de abrir a potência de um ‘jorro criativo’. Aquele sem filtros e sem freios, aquele onde tudo cabe, tudo pode. Onde toda e qualquer ideia é válida para uma referência ou para servir de inspiração na criação. Um momento quase solene, de mergulho nas palavras e também mergulho em absolutamente todas as imagens que possam vir, sem freios, sem rationalidades, sem psicologizações.

Muitas vezes quando acabo ou durante mesmo vou ‘guardando’ tudo o que vem – imagem, lembrança de alguma música, palavras soltas, uma história que ouvi de alguém, qualquer coisa, um grande brainstorming. Depois selecionei e ele fica devidamente guardado como um acervo para onde sempre vou quando bate a dúvida na hora das escolhas.

Sempre volto lá para os frutos da 1^a leitura.

Como a proposta dessa carta era também uma espécie de ‘jogo’, me deixei levar nesse ‘jogo’ comigo mesma de deixar as ideias e desejos do que te escrever virem soltos. Foi um acúmulo! Estou aqui agora na humilde tentativa de organizar a bagunça, fazendo minhas escolhas – mas deixei as imagens e ideias bem à vontade, um pouco como elas se apresentaram.

A verdade é que fiquei assim tão ‘à vontade’ também porque foi uma delícia ler seu texto e um prazer enorme estar aqui discorrendo a partir dele e com ele de certo modo. Seu texto parece que nos leva direto para ‘dentro’ daquela família, os personagens todos muito reconhecíveis, palpáveis – acho que poderia encontrá-los todos aqui na mesa ao lado do restaurante da esquina. Ou naqueles almoços intermináveis de família (e me lembrei logo do universo de filmes do Fellini).

O ritmo que você imprime às falas me pegou de cara. Vozes quase em conjunto, uma polifonia ali, ruidosa, espalhafatosa, barulhenta, confusa, alegre e raivosa também. Isso me instigou nos primeiros minutos de leitura. Já imaginei atores brincando com esses diálogos, com a sujeira possível ao atropelar falas, explorar confusões sonoras e silêncios.

E aí chego junto e não saio mais do Acúmulo.

É muita fala, são muitos discursos, vozes, muita-coisa-ao-mesmo-tempo-agora. Estão todos juntos o tempo todo – gosto demais de texto que ninguém entra ninguém sai, tá todo mundo junto o tempo todo e se virando com isso. Adoro.

Comecei a pensar em acúmulo por conta do Igor e suas citações e livros – comida da ‘cabeça’? A alma da gente tá se entupindo de ‘fast food intelectual’?

Aí depois essa ideia foi crescendo e se mostrando em muitas partes, se acumulando.

Essa questão da comida que nos consome, das dietas, o que pode o que não pode – tudo tem regra e mil embasamentos científicos – ainda que excludentes. Para cada nova regra, novas descobertas e embasamentos.

(Lembrei agora de uma “carta do ovo para o glúten” que dizia “querido glúten, a vida tem altos e baixos. Essa sua fase ruim vai passar”)

O acesso a muitas notícias, fontes de informação – todo mundo tem dados para comprovar suas teses. E daí a necessidade do convencimento – todo mundo hoje também tem um discurso quase pronto sobre algum assunto. E quem não tem que

trate de arrumar. Pelo menos uma opinião formada e consistente. E as discussões se inflamam.

(Lembrei também agora uma amiga antiga que chamava coca-cola de “o líquido negro do imperialismo ianque” – acho hilário e adoro a expressão, mas desconfio que ela falava sério)

Outra imagem que me veio é um paralelo com os fóruns virtuais de discussão onde as vezes parece que as pessoas estão mais preocupadas em escrever e escrever (e convencer) do que efetivamente ‘ler’ o outro para ‘dialogar na escrita’.

Na sua peça todos estão no ‘mundo real’ e fico me perguntando quando eles realmente ‘se ouvem’.

Nessas imagens de muito assunto, gente, vozes, afeto e rancores vem um pouco Woody Allen (com suas cenas longas em restaurantes com muito papo) e também Domingos Oliveira com aquelas cenas de diálogos e mais diálogos fluidos, jorrando livres em deliciosa confusão – tanto no cinema quanto no teatro, Domingos faz isso como ninguém. Separações (o filme) por exemplo tem uma cena gigante de abertura e conclusão em uma mesa de restaurante onde todos falam quase ao mesmo tempo e onde entendemos os rumos dos personagens. É muito bonita.

Acho que vieram tantas referências de filmes porque tem um quê cinematográfico no seu texto além de gostar de usar referência de cinema para teatro – gosto da diferença de linguagem e o que ela pode provocar criativamente para a direção.

E a partir desse pensamento lembro de outra coisa que me chama a atenção ‘te lendo’: uma tensão ali de naturalismo x poesia. O ‘realismo’ e aparente ‘banalidade’ da situação que vai aumentando e ganhando contornos mais fantásticos, dentro de humor e poesia que podem – e acho que devem – ser ainda mais esgarçados pela direção. Um bom desafio do encenador para o seu texto nesse ponto. Como manter esse ‘lugar de reconhecimento’, de naturalidade e ao mesmo tempo explorar a teatralidade e poética possível e inerente ao palco.

Arrisco dizer que talvez enveredasse pela naturalidade absoluta nas falas – com muita sobreposição e ruído, talvez até algumas repetições para, na encenação, na estética, brincar com suspensões poéticas. Conversaria com o cenógrafo no sentido de explodir esse espaço para podermos começar talvez mais realistas e irmos indo para poesia, esgarçamento do espaço e explosão.

Dá vontade de ver esse espetáculo em um espaço de arena total ou semi-arena para que todos (spectadores e atores) estejam próximos, envolvidos nesse falatório, nesses discursos atravessados onde muitas coisas podem acontecer ao mesmo tempo, onde a gente pode ver essa família sob muitos ângulos. Onde tudo pode se movimentar e mudar o ponto de vista do espectador.

Pequenas ações, gestos, contradições entre falas e gestos.

E, enfim, a questão da comida.

O título é Comida. A cena se passa em um restaurante e fala-se de comida o tempo todo. São tantas as metáforas possíveis e provocativas só pensando nessa palavra: comida.

Comida, alimento, alimentar o corpo, alimentar a alma.

Eles falam “o que é comida?”

Um clímax ocorre ao se comer uma comida.

Comida é um item essencial e carrega todo o simbolismo da sua dramaturgia.

Comida é escolha e é também acúmulo. Ou pode ser.

Uma questão a ser resolvida pela encenação é justamente ter ou não ‘comida’. Pode parecer banal, apenas uma escolha simples. Mas está longe de ser. É uma escolha que implica em uma série de outras – estéticas, simbólicas e objetivas.

Escrevi bastante sobre isso mas acabei escolhendo não entrar a fundo porque aí daria muito pano – mesmo – pra manga e a carta ficaria enorme e prefiro falar do que escrever tanto

(E se você quiser depois conversamos sobre)

(Mas fiquei pensando que nos primeiros ensaios – brainstorming e reconhecimento – acho que botaria todo mundo para comer muito junto e falar ao mesmo tempo e comer e dançar e comer e fazer outras coisas não sei quais e ver que bicho que dava isso. Independente da opção ter ou não comida em cena depois.)

Enquanto lia, no meu ‘brainstorming particular’ separei várias frases que sobressaem para mim – é também algo que gosto de fazer com peças, as frases-chave que norteiam as escolhas. Mas a mais forte e à qual acho que me agarraria para desvendar o barco no início do processo foi essa: “Onde foi que nos perdemos?”

Então, antes de me perder, escolho terminar de uma vez por todas, assim, meio abruptamente mesmo, porque sinto que já está um acúmulo danado isso aqui e se não der um basta não acaba nunca.

Mas antes preciso dizer (rapidinho!) que só consegui escrever tudo isso dessa forma porque estou fingindo que realmente é uma carta só para você, entre nós duas e que ninguém mais vai ler. Como eu sei que ela será “pública” claro que não foi bem assim e me preocupei sim em ser lida – mas ao mesmo tempo fingindo como seria se não fosse.

Enfim.

Muitas camadas de verdade e mentira – tema que tanto me encanta mas que infelizmente não consegui encaixar nas escolhas daqui. Fica para a próxima.

(Sigamos nessa deliciosa tensão entre ficção e realidade que move as artes e o mundo.)

Um grande abraço, com carinho



P.S – Estou aqui me lembrando de como eu amava escrever cartas. E estou aqui me perguntando agora: “onde foi que nos perdemos?”